



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS - CCA
CURSO DE ZOOTECNIA

NAILSON NUNES BRITO

**ASPECTOS GERAIS DA DOMA EM EQUINOS DO GRUPAMENTO GENÉTICO
BAIXADEIRO**

SÃO LUÍS

2022

NAILSON NUNES BRITO

**ASPECTOS GERAIS DA DOMA EM EQUINOS DO GRUPAMENTO GENÉTICO
BAIXADEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
junto ao Curso de Zootecnia da Universidade
Estadual do Maranhão (UEMA), para a
obtenção do título de bacharel em Zootecnia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Carneiro Lima

SÃO LUÍS

2022

Brito, Nailson Nunes.

Aspectos gerais da doma em equinos do grupamento genético baixadeiro /
Nailson Nunes Brito. – São Luís, 2022.

40 f

Monografia (Graduação) – Curso de Zootecnia, Universidade Estadual do
Maranhão, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Carneiro Lima.

1.Doma. 2.Cavalo. 3.Bem - estar. 4. Animal. I.Título.

CDU: 636.1.046.2

NAILSON NUNES BRITO

**ASPECTOS GERAIS DA DOMA EM EQUINOS DO GRUPAMENTO GENÉTICO
BAIXADEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
junto ao Curso de Zootecnia da Universidade
Estadual do Maranhão (UEMA), para a
obtenção do título de bacharel em Zootecnia.

Aprovado em 17/01/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco Carneiro Lima (Orientador)
Doutor em Zootecnia
UEMA/CCA



1º Membro (Prof. Dr. Osvaldo Rodrigues Serra)
Doutor em Zootecnia
UEMA/CCA



2º Membro (Prof. Dr. Helder Luís Chaves Dias)
Doutor em Zootecnia
UEMA/CCA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado essa oportunidade de estudo, agradeço muito minha família que embora não possuíam os recursos para me manter durante minha graduação aqui em São Luís do Maranhão, sempre me ajudaram da maneira que eles puderam. Agradeço ao senhor Eliomar Silva Araújo por ter disponibilizado sua residência a mim, e também a toda sua família por ter me acolhido.

A minha avó que é a minha maior incentivadora e que não me deixou desistir por diversas vezes, ao meu orientador, professor Francisco Carneiro Lima, por ter aceitado me orientar durante esta pesquisa, e também todos os outros professores que fizeram parte desta jornada.

Agradecer a turma 2018.1, principalmente ao meu grupo de amigos que foi nomeado por nós como “malassombrados”, e é composto por mim, Victor Leite, Matheus Nunes, Lauriston Silva, Guilherme Félix, e aos demais companheiros de turma pela companhia, dias cansativos de estudo, brincadeiras e todo carinho que cultivei e cultivo durante esses 5 anos de caminhada pela graduação.

A Universidade Estadual do Maranhão por toda estrutura disponibilizada, e a todos que contribuíram de alguma maneira para minha formação acadêmica, deixo aqui meus sinceros agradecimentos.

A única maneira de fazer um excelente trabalho é amar o que você faz.

Steve Jobs

RESUMO

Considera-se como doma a utilização de diversas técnicas para que o cavalo deixe de ser um animal indomado e aceite que o homem o monte e o guie. O principal objetivo da doma nos equídeos é fazer com que o animal aceite normalmente o contato e os comandos do homem. Existe dois tipos de doma, a doma tradicional que utiliza de medo e força para dominar o animal e a doma racional que leva em consideração a lei de bem-estar animal (BEA). Visto isso, esse estudo teve o intuito de entender como o processo de doma do cavalo Baixadeiro é realizado na região da Baixada Maranhense, afim de aferir se os protocolos de BEA são utilizados durante esse processo. Para isso, os dados foram coletados através da aplicação de questionário semiestruturados e acompanhamento da doma de um cavalo xucro. A pesquisa contou com 25 respondentes, todos do sexo masculino e baixa escolaridade. As respostas dos entrevistados demonstraram que a doma ocorre de maneira brutal, com idade de monta de 2,5 anos, inferior ao recomendado que é de no mínimo 3 anos. O ambiente em que esses procedimentos são realizados é aberto e não oferece segurança para o animal e nem para o domador, que também não faz uso de equipamentos de proteção individual. A monta é realizada dentro da água para evitar que o cavalo pule e amortecer o impacto caso o domador caia, além disso, essa etapa ocorre em cerca de 7 dias do primeiro contato. No município de Pinheiro, Baixada Maranhense, há o predomínio da doma tradicional para o uso das funções produtivas dos equinos. Essa realidade pressupõe a necessidade imediata de iniciativas direcionadas à capacitação de mão de obra qualificada na região, embasada nos princípios de bem estar animal, com a adoção de técnicas racionais já consolidadas no processo de doma equina.

Palavras chaves: doma; cavalo; bem-estar animal.

ABSTRACT

It is considered as taming the use of different techniques so that the horse stops being an untamed animal and accepts that the man rides and guides it. The main objective of taming horses is to make the animal normally accept human contact and commands. There are two types of taming, the traditional taming that uses fear and strength to dominate the animal and the rational taming that takes into account the animal welfare law (BEA). Given this, this study aimed to understand how the process of taming the Baixadeiro horse is carried out in the Baixada Maranhense region, in order to assess whether the AWB protocols are used during this process. For this, data were collected through the application of a semi-structured questionnaire and monitoring of the taming of a wild horse. The survey had 25 respondents, all male and with low education. The interviewees' answers showed that taming occurs brutally, with an average age of 2.5 years, less than the recommended age, which is at least 3 years. The environment in which these procedures are performed is open and does not offer safety for the animal or for the handler, who also does not use personal protective equipment. Mounting is carried out in the water to prevent the horse from jumping and to cushion the impact if the tamer falls, in addition, this stage takes place approximately 7 days after the first contact. Given this, it was possible to conclude that the taming carried out in the municipality of Pinheiro is of the traditional type, which does not take into account the principles of the animal welfare law (BEA). Therefore, it is proposed that awareness-raising projects on BEA and rational taming be carried out in this region and that the competent public bodies offer training courses for tamers.

Keywords: tame; horse; animal welfare.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Doma tradicional com uso de violência.	14
Figura 2: Doma Tracional de equídeos, conquistando a confiança e amizade de um potro... 15	15
Figura 3: Curso de doma racional ofertada pelo senar em Piranguçu: técnica de aproximação em ambiente controlado.	16
Figura 4: Doma racional: etapa de dessensibilização - homem acariciando um cavalo.	17
Figura 5: Doma racional: trabalho de guia em conjunto com o flexionamento.	18
Figura 6: Doma racional: etapa de selar o animal.	18
Figura 7: Doma racional: etapa de charreteamento.	19
Figura 8: Processo de doma racional, momento em que o animal está preparado para montaria.	20
Figura 9: Localização geográfica do município de Pinheiro no estado Maranhão.....	21
Figura 10: Método de contenção para a colocação do cabresto em <i>Equus caballus</i> do grupamento genético baixadeiro do município de Pinheiro, Microrregião da Baixada Maranhense, Estado do Maranhão.	23
Figura 11: Exemplares de potros de <i>Equus caballus</i> do grupamento genético baixadeiro registrados em 2022 no município de Pinheiro, Microrregião da Baixada Maranhense, Estado do Maranhão.	25
Figura 12: Domador durante o manejo para o início da doma Do <i>Equus caballus</i> do agrupamento baixadeiro do município de Pinheiro, Microrregião da Baixada Maranhense, Estado do Maranhão.....	26
Figura 13: Processo de doma do <i>Equus caballus</i> do grupamento genético baixadeiro no município de Pinheiro, Microrregião da Baixada Maranhense, Estado do Maranhão.	29
Figura 14: Ferimentos em <i>Equus caballus</i> do grupamento genético baixadeiro causados pelo cabresto durante doma tradicional no município de Pinheiro, Microrregião da Baixada Maranhense, Estado do Maranhão.	29

LISTA DE SIGLAS

BEA: BEM-ESTAR ANIMAL

EFSA: AUTORIDADE EUROPÉIA PARA SEGURANÇA ALIMENTAR

FAO: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO

OIE: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE

SENAR: SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	11
2.1 Geral.....	11
2.2 Específicos.....	11
3. REVISÃO DE LITERATURA	11
3.1 Grupamento genético cavalo Baixadeiro.....	11
3.2 Bem-estar animal	12
3.3 Doma equina.....	13
3.3.1. Doma Tradicional	13
3.3.2. Doma Racional	14
4. METODOLOGIA	21
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
REFERÊNCIAS	32
ANEXO	
APÊNDICE	

1. INTRODUÇÃO

O cavalo é um mamífero da ordem dos Ungulados pertencente a espécie *Equus caballus*. Desde a domesticação, o cavalo foi utilizado para transporte, tração, trabalho no campo e nas guerras. Atualmente o cavalo também é considerado animal de companhia, amplamente utilizado em atividades de esporte e lazer (LIMA et al., 2006).

Muitas das conquistas da humanidade se devem à ligação do homem com o cavalo., uma vez que há milhares de anos, o homem percebeu que poderia se utilizar desse animal como meio de transporte ou força bruta e no auxílio aos trabalhos mais pesados, principalmente na agricultura. Isso motivou a necessidade de domar este vigoroso animal que vivia livre, até então, em algumas regiões do planeta (ESCOLA DE CAVALOS, 2011; SENAR, 2018).

Os cavalos são animais que naturalmente possuem o comportamento de desviar-se de qualquer pessoa que tente montá-los. Essa característica manifesta-se devido ao relacionamento com os predadores, que na hora do ataque costumavam saltar ou trepar sobre o lombo dos equinos. Desse modo, cabe ao domador fazer com que esse animal supere esse instinto para que aceite a monta, com a utilização de técnicas já utilizadas no seu processo de domesticação, de forma individual (ESCOLA DE CAVALOS, 2011).

Considera-se como doma a utilização de diversas técnicas para que o cavalo deixe de ser um animal indomado e aceite que o homem o monte e o guie. A função dela é preparar os animais para tarefas específicas, dentre elas estão, a lida no dia a dia ou também a prática de atividades esportivas, como hipismo ou a equitação (RODRIGUES, 2019).

Atualmente, embora ainda seja utilizado o processo de doma tradicional, a técnica que mais se propaga é a de doma racional, ou também conhecida como doma moderna, que possui como objetivo estabelecer a confiança do animal, ao invés de tentar dominá-lo pela força. Esse processo de dominação é longo e proveitoso, despertando a confiança do animal (ESCOLA DE CAVALOS, 2011).

O principal objetivo da doma nos equídeos é fazer com que o animal aceite normalmente o contato e os comandos do homem, além de se habituar aos arreios, sela e rédeas. É de vital importância que, por meio da doma, o cavalo aprenda a reagir aos comandos de voz que o cavaleiro faz, como as ordens de partir, parar ou acelerar.

A lei do Bem-Estar Animal (BEA) é fundamentada pela interdisciplinaridade (integração das disciplinas) da zootecnia e da medicina veterinária com outras ciências. Avalia parâmetros fisiológicos e indicadores comportamentais nos animais frente aos estímulos ambientais. O BEA visa respeitar, acima de tudo, o convívio em liberdade na maior parte do

tempo, principalmente com a presença de outros animais, evitando assim o seu isolamento. Conhecer e identificar fatores que comprometam o bem-estar animal é de grande importância para se tentar diminuir problemas de saúde e comportamentais (BRASIL, 2017).

Visto isso, esse estudo teve o intuito de entender como o processo de doma do cavalo Baixadeiro é realizado na região da Baixada Maranhense, afim de aferir se os protocolos de BEA são utilizados durante esse processo.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Observar a percepção dos domadores de equinos sobre os principais elementos (animal, ambiente e humano) envolvendo a doma de equinos Baixadeiros no município de Pinheiro, Baixada Maranhense.

2.2 Específicos

- Destacar a faixa etária do animal para o início de execução do processo de doma;
- Relatar os procedimentos humanos aplicados, bem como o tempo médio utilizado no período de execução da doma;
- Observar a qualificação humana (técnica) para o exercício prático da doma;
- Relatar as condições físicas do ambiente onde se processa a doma animal;
- Explicitar o comportamento animal antes, durante e após o processo de doma;
- Relatar o tipo de doma equina predominante no município de Pinheiro.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Grupamento genético cavalo Baixadeiro

A adaptação ao meio ambiente em que são criados, a influência da natureza cultural e a sua utilização para cruzamento com outras raças, fez com que houvesse grande interesse na exploração de animais de raça autóctone, já que essas características permitem boa adaptação a ecossistemas específicos (SERRA, 2004 apud GAZOLLA et al., 2016).

Dentre os animais de raça autóctones, na Baixada Maranhense destaca-se o cavalo “Baixadeiro”, denominado assim pela própria população local, devido sua rusticidade, resistência e adaptação (SERRA, 2004 apud GAZOLLA et al., 2016). Trata-se de um grupamento genético adaptado para as características ambientais dessa região, onde se

desenvolveu (EVERTON, 2020). O porte desses animais varia de pequeno a médio, com cerca de 1,40m (SERRA, 2004 apud GAZOLLA, 2009).

Os equinos desse grupo genético tiveram origem a partir do cruzamento de cavalos Ibéricos que provavelmente descende dos Garrano e Berbere introduzidos no Brasil no período colonial (SERRA, 2004 apud CHUNG, 2016). Esse grupo de cruzamento centenário é restrito a região da Baixada Maranhense, constituindo importante meio de tração para a parcela da comunidade que sobrevive da agricultura e pecuária de subsistência (SERRA, 2004 apud GAZOLLA et al., 2016). O mesmo ocorre com o cavalo Pantaneiro na região do Pantanal do Estado do Mato Grosso, com o Lavradeiro em Roraima e com o Marajoara no Pará (SERRA, 2004). Por essa razão, os animais domésticos de diferentes raças nativas são relevantes, na composição da biodiversidade do planeta, uma vez que possuem genes e combinações genéticas como consequência de suas adaptações em diferentes meios (ANUNCIAÇÃO, 2016).

De acordo com Santos et al., (2013), o cruzamento indiscriminado com outros grupos genéticos, bem como endogamia e manejo sanitário inadequado contribuem para diminuir a população de cavalos baixadeiros na região da Baixada Maranhense. O estudo de Serra (2004) supôs um possível efetivo de 4 mil exemplares na região.

3.2 Bem-estar animal

O bem estar animal envolve várias dimensões (científicas, éticas, econômicas, culturais, sociais, religiosas e políticas) e por isso trata-se de um tema complexo e múltiplo (OIE, 2015). Trata-se de uma ciência com caráter multidisciplinar por envolver várias áreas de conhecimento, como etologia, fisiologia, reprodução, saúde, psicologia, entre outras (VEISSIER; MIELE, 2014).

Atualmente, todas as atividades que envolvem animais, desde esporte, ciência e a produção, estão sujeitas a regulamentações específicas para prevenir o sofrimento animal (CEBALLOS; SANT'ANNA, 2018). Isso foi possível graças ao interesse do público em geral pela qualidade de vida animal e todos os aspectos morais envolvidos, entendendo que esses seres também devem possuir direitos fundamentais (BROOM, 2011; LEMME, 2016; RISIUS; HAMM, 2017).

Nesse contexto, os principais órgãos internacionais que tratam de temas relacionados a saúde animal, como a OIE (Organização Mundial de Saúde Animal), EFSA (Autoridade Europeia para Segurança Alimentar) e FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), buscaram incluir o bem-estar animal em suas agendas, assim como,

de forma legal, diversos países tem formulado leis e normas para garantir a segurança e redução de riscos aos animais durante todo o manejo (CEBALLOS; SANT'ANNA, 2018).

De acordo com Mellor (2004), em sua proposta do “modelo dos cinco domínios”, é preciso proporcionar aos animais a ausência de experiências negativas e oportunidade de vivenciar experiências positivas, essas experiências trata-se da nutrição (disponibilidade de água, alimento e nutrientes indispensáveis), ambiente (dificuldades ambientais em que estão subordinados), saúde (enfermidades, lesões e consequências físicas que essas podem causar), comportamento (possibilidade de realizar suas atividades instintivas) e estado mental (emoções e sentimentos positivos e negativos que possa a vim sentir). Os quatro primeiros domínios e/ou “liberdades” são de caráter físico/funcional e o acometimento de um deles pode desencadear o distúrbio do quinto elemento que integra o elemento mental, principal responsável pela presença ou ausência do sofrimento animal já que está ligado aos componentes psicológicos ligados ao sofrimento (MELLOR, 2004).

Além disso, a interação dos humanos com os animais, que diz respeito a todo e qualquer contato entre ambos, provoca mudanças fisiológicas e comportamentais nos animais, influenciando no bem-estar dos mesmos (HEMSWORTH; COLEMAN, 2011). De modo geral, quando ocorrem ações aversivas, as respostas dos animais são negativas, como a mais comum o aumento de medo (COSTA et al., 2002).

3.3 Doma equina

Compreende-se por doma o processo pelo qual o cavalo é treinado para aceitar ser manuseado sem que haja rejeição por parte do animal para com o cavaleiro, e por isso, é realizada por meio de várias fases subdivididas em instruções de baixo e de cima, cada qual com suas técnicas específicas, é subdivida em dois tipos, a doma tradicional e a doma racional (TEZZA, 2014).

3.3.1. Doma Tradicional

Na doma tradicional o objetivo é de vencer, submeter e dominar o cavalo usando de violência e crueldade (Figura 1), em que os domadores necessitam de força e coragem para essa prática que é realizada comumente em campos abertos e sem disponibilidade de segurança para o domador e o cavalo (CHAGAS, 1997). Essa técnica utiliza-se de reforços e utilização de equipamentos que atingem a integridade física e mental do animal, ainda que os equipamentos não tenham sido feitos para essa finalidade, a forma de uso incorreta e a forma de interação,

pode ferir os equinos (RIETH et al., 2013). Esse tipo de doma tem a finalidade de levar o animal a exaustão para que se submeta aos comandos do domador por meio da força (SENAR, 2017).



Figura 1: Doma tradicional com uso de violência.

Fonte: <https://www.ambientelegal.com.br/da-violencia-contra-eguas-e-mulheres/>

3.3.2. Doma Racional

A doma racional é uma técnica de adestramento de equídeos com origem na Europa, que tem como fundamento condicionar os animais sem fazer uso de qualquer tipo de violência, ademais, baseia-se na etologia (estudo do comportamento animais) e conforme relatado pelo grego Xenofonte em seus estudos de princípios de equitação, a doma racional surgiu em meados de 380 anos a.C. (COSTA et al., 2021). Tornando-se uma etapa fundamental para o desempenho do equídeo em outras atividades (PINTO, 2013).

É conhecida também como doma doce, gentil ou natural e está estabelecida de acordo com a lei 9.605/98, de 12 de fevereiro de 1998. Esta lei, é refere-se à diferentes assuntos relacionados aos animais, tais como maus tratos (COSTA et al., 2021). Nesse seguimento, a doma racional é compreendida como um processo longo de ensinar o cavalo, no entanto, com excelente aproveitamento por gerar vínculo entre cavalo e homem e ser realizada com muita atenção e cuidado, uma vez que o cavalo aparentemente corajoso, é um animal assustado (BORGES, 2015).

A doma racional é uma sequência de condutas que pode ser iniciada desde o nascimento do animal e sem data prevista de término, em que acaba somente quando o animal não apresenta mais reações adversas e aceita ser manuseado sem apresentar defesa aos

comandos solicitados (CARVALHO; HADDAD, 1988). Além disso, esse tempo de aceitação vai depender das habilidades de quem executa as técnicas.

Trata-se de uma técnica que busca conquistar a confiança e amizade do animal (Figura 2), para posteriormente começar de fato os ensinamentos e adestração, buscando o respeito pelo adestrador (CHAGAS, 2006). Esse método intenciona preservar a integridade física do animal e é realizada em ambientes controlados, como currais e redondéis, com o propósito de oferecer melhor aprendizado e aumentar a vida útil do mesmo (SENAR, 2000; GUIMARÃES et al., 2000).



Figura 2: Doma racional de equídeos, conquistando a confiança e amizade de um potro.

Fonte: <https://www.nacaoagro.com.br/familia-nacao-agro/tecnica-rural/5-dicas-sucesso-doma-racional/>

Para isso é necessário que se siga uma série de repetições ritmadas de forma contínua e progressista, para que o animal memorize os comandos desejados pelo domador (SANTOS, 1981). Esses procedimentos levam ao encurtamento do tempo de adestramento, pois faz com que os animais aprendam a realizar os ensinamentos sem que precise sempre repetir ou corrigir movimentos prejudiciais e inúteis (CHIEFFI, 1943).

Os passos para a doma racional são: aproximação, dessensibilização, flexionamento, trabalho de guia, selar o animal, charreteamento, montaria, adestramento inicial, emborcadura do animal e adaptação do animal ao ambiente (SIMÕES, 1983; CARVALHO E HADDAD, 1988; CHAGAS, 2006; GUIMARÃES et al., 2000; FEITOSA, 2010).

Na aproximação, o primeiro passo do adestrador é levar o animal para um ambiente controlado (Figura 3), seja curral redondel ou outro local cercado, que serve tanto para reduzir o espaço entre o adestrador e o animal, como para minimizar os riscos de machucados do animal e em seguida o adestrador permite que o animal galope em liberdade e então começa a emitir

sons e sinais para que o cavalo entenda que não há como escapar, estabelecendo assim uma posição hierárquica e que o cavalo perceba que deve obedecer aos comandos quando quiser descansar (FEITOSA, 2010). Essa etapa é relevante para o sucesso da doma racional e deve ser executada por pelo menos três dias seguidos, com cautela, paciência e dedicação, em que a aproximação deve ser feita de forma lenta, com movimentos suaves e fazendo uso de comandos de voz para condicionar o animal a realização das tarefas (GUIMARÃES et al., 2000).



Figura 3: Curso de doma racional ofertada pelo SENAR em Piranguçu: técnica de aproximação em ambiente controlado.

Fonte: <https://www.pirangucu.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/879/senar-oferta-curso-de-doma-racional-em-pirangucu>

Para que ocorra a dessensibilização, de acordo com Chagas (2006), necessita-se que o animal esteja contido, que pode ser através de peias amarradas a modo que não traga grandes desconfortos, para que o domador possa passar a mão por todo o corpo do cavalo (Figura 4) até que o mesmo possa se acostumar com o contato físico. Já para Guimarães et al. (2000), o animal deve ser preso pela dianteira (maneado), o domador deve permitir ser cheirado pelo cavalo e realizar sempre movimentos suaves ao se aproximar e as carícias devem ser realizadas da região anterior para a posterior do corpo do animal, usando lona ou saco de estopa para diminuir a sensibilidade de cocegas.



Figura 4: Doma racional: etapa de dessensibilização - homem acariciando um cavalo.

Fonte: <https://olhares.com/acaricia-um-dos-seus-cavalos-leia-se-foto9407235.html>

O flexionamento compõe uma sequência de execuções que operam desde o focinho até a garupa, para que seja possível o desempenho e agilidade dos movimentos solicitados, sendo necessário amarrar um cabo de guria no rabo do animal por cerca de dez minutos para a direita e dez para a esquerda por pelo menos dez dias, a fim de alongar a coluna, o pescoço e flexionar a nuca para que o animal consiga executar a mudança de direção (GUIMARÃES et al., 2000). Para Simões (1983) é útil que se utilize uma madrinha amarrado do lado direito e posteriormente ao esquerdo para adaptar o animal aos comandos de rédeas, cuja função é direcionar o animal para o lado de interesse do domador.

O trabalho de guia para Chagas (2006) facilitará o encilhamento, levando a monta, processo esse que é realizado com a condução do animal através do cabresto ou guia em diferentes velocidades, dentro de um ambiente cercado, em que o palanque pode ser usado para fazer pressão no cabo e caso o animal não se movimente, pode ser tocado por sua parte posterior. Guimarães et al. (2000) defende que essa etapa deve ser executada em conjunto com o flexionamento (Figura 5), pois facilitará o processo de doma, que somará cadência e direcionamento ao movimento, que deve ser conduzido de em velocidade crescente e decrescente vinculado ao comando de voz e conduzindo o animal para ambas as direções. Além disso, pode ser utilizado equipamentos, como cabresto, cabeção e cabeçada (CARVALHO; HADDAD, 1988).



Figura 5: Doma racional: trabalho de guia em conjunto com o flexionamento.

Fonte: <https://www.cpt.com.br/dicas-cursos-cpt/comunicacao-chave-do-sucesso-na-doma-racional-de-cavalos>

Selar o animal é uma etapa que requer cautela para que essa não seja colocada de forma errada, a fim de evitar que o animal seja ferido e traumatizado. Para isso, Feitosa (2010) aconselha que os estribos sejam presos para não causar susto, posteriormente a cela deve ser encaixada de forma lenta (Figura 6), os estribos podem então ser soltos devagar e assentados ao lombo do animal e por fim pode-se apertar as barrigueiras e conduzir o animal na guia em diferentes velocidades, exercendo pressão na guia como sinal de negação das ações caso haja reações de sensibilidade. Já Guimarães et al. (2000) defende que essa etapa deve ser realizada com o animal maneado. Outro método requer que seja apresentado a cela para que a cheire e durante a colocação o domador deve começar o processo pelo pescoço escorregando-a até o dorso e finalizando da mesma maneira como descreve Feitosa (2010).



Figura 6: Doma racional: etapa de selar o animal.

Fonte: <https://blog.7mboots.com.br/2019/04/12/voce-sabe-mesmo-como-selar-um-cavalo-confira/>

O charroteamento, processo que faz com que o animal responda aos comandos das rédeas, é realizado com o domador ainda no chão (Figura 7), conduzindo o mesmo com movimentos leves e suaves, podendo ser usada a embocadura para promover o flexionamento da mandíbula (CARVALHO. HADDAD, 1987). De acordo com Chagas (2006) o domador pode contar com a ajuda de um auxiliar a frente do cavalo para o conduzir em linha reta, enquanto ele se posiciona atrás do animal para realizar os movimentos para ambos os lados e pressão para traz, sendo que esses movimentos podem ser realizados de três formas, (i) pressão e alívios subsequentes para relaxar a maxila e ceder a nuca; (ii) pressão e resistência para parar o animal; (iii) pressão permanente para proporcionar o recuo. Outra forma de executar essa técnica é a realização da mesma com o animal selado com as rédeas compridas devem estar presas ao bucal e colocadas por dentro dos estribos para evitar a oscilação e facilitar as manobras, após esses ajustes o animal será conduzido a passos e direcionado em circulo para a direita e depois para a esquerda, após isso, com o animal alinhado treina-se o recuo e alto (GUIMARÃES et al., 2000).



Figura 7: Doma racional: etapa de charroteamento.

Fonte: <https://www.cpt.com.br/artigos/doma-de-cavalos-charroteamento-do-equino-em-6-passos>

A montaria (Figura 8) é realizada após o animal selado e asseguro que tudo esteja bem ajustado, para que então o domador se posicione ao lado do cavalo e dê alguns pulos para observar reações adversas, em caso de aceitação, poderá subir se apoiando na cabeça da sela e no estribo, ficando um pouco debruçado sobre a sela por alguns instantes antes de passar a perna e após isso, deve-se executar a técnica anterior para que ele se mova. (FEITOSA, 2010). Guimarães et al. (2000) adiciona a isso, a possibilidade de realizar movimentos no corpo depois de montado para que o animal se acostume, inclusive repetir a montaria várias vezes de ambos os lados.



Figura 8: Processo de doma racional, momento em que o animal está preparado para montaria.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Soosf_cA2Yo

O início do adestramento é a etapa em que o cavalo será guiado a andar para frente sem medo, se acostume com os equipamentos, peso do domador e com o ambiente, por isso, a condução deve ser realizada através do buçal com as rédeas ligada a ele, sem deixar que o animal de apoie nas rédeas e canse de andar (CHAGAS, 2006). Exercícios de picadeiro (andar com o animal traçado em linhas imaginárias, em formato de “z”, “s”, círculo, retângulo, etc.) são importantes para a flexibilidade do animal, pois lhe permitirá flexibilidade, o que levará a movimentos executados com melhor desempenho, melhor recepção aos comandos e aumento do condicionamento físico (CARVALHO; HADDAD, 1988). A flexibilidade no pescoço do animal é realizada em exercícios com o domador já montado através da pressão e alívio das rédeas (GUIMARÃES et al., 2000).

As embocaduras tratam-se de freios e bridões que são colocados na boca dos animais para transmitir as ordens dadas pelo domador, dentre eles os brindões são menos severos pois não possuem ações de alavanca (SIMÕES, 1983). A embocadura deve ser colocada com as rédeas abertas e compridas a medida que possam ser puxadas para traz, cruzadas na cernelha e amarradas em direção do cilhadouro (por trás do codilho), e então o animal deve ser solto para que se movimente e se acostume com o objeto, descontraindo a maxila e flexionando a nuca, após a familiarização poderá ser montado para a realização dos demais exercícios (CHAGAS, 2006). A colocação do brindão fará com que o animal tenha maior sensibilidade aos comandos, mas só deverá ser realizada após os comandos com buçal estar sendo bem realizado (GUIMARÃES et al., 2000).

Por sim, a adaptação ao ambiente, de acordo com Feitosa (2010) é realizada na área externa ao cercado para que o cavalo se adapte as características naturais do dia-a-dia e para que tenha maior confiança é relevante que essa etapa seja realizada junto a cavaleiros e cavalos

mais experientes. Essa prática obterá maior sucesso através da cautela do domador em submeter o cavalo à ambientes com relevos diferentes, barulhos e obstáculos diferentes (GUIMARÃES et al., 2000).

4. METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido no município de Pinheiro, localizado na microrregião da Baixada Maranhense. O município de Pinheiro apresenta uma área total de 1.512,968 quilômetros quadrados, com as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: $-2^{\circ} 31' 16''$ Sul, Longitude: $-45^{\circ} 4' 58''$ Oeste (Figura 9).

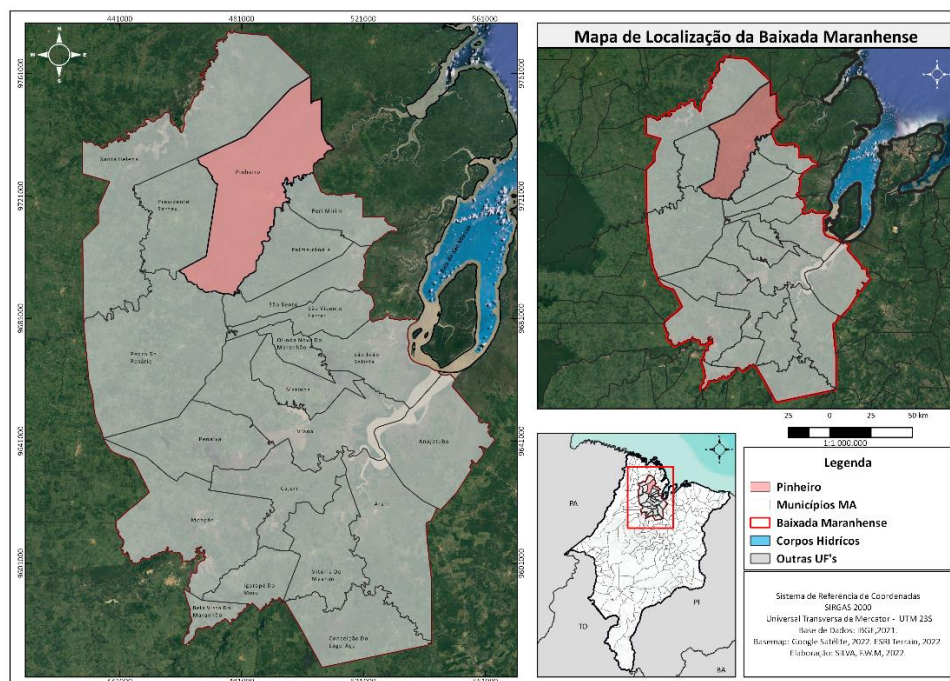


Figura 9: Localização geográfica do município de Pinheiro no estado Maranhão.

Fonte: SILVA, F. W. M., 2022.

O local de estudo foi determinado com base na grande quantidade de criadores e também em consideração ao efetivo de cavalos Baixadeiros criados no município. O primeiro contato foi realizado através de uma conversa em que foi explicado o intuito da pesquisa e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo).

Os dados primários foram obtidos por meio de questionário semiestruturado (Apêndice) com 35 perguntas objetivas e subjetivas juntos aos domadores e também por meio de observação dos métodos aplicados durante o processo da doma. As entrevistas foram coletadas entre os meses de setembro e outubro de 2022 cujo público alvo foram os indivíduos que trabalham com doma de equídeos no município.

Para observação visual dos procedimentos gerais envolvendo a prática de doma equina no município foi utilizado um macho do grupamento genético Baixadeiro com idade de aproximadamente 36 meses de idade, criado solto no campo.

A partir das informações obtidas, os dados foram tabulados com auxílio do programa Microsoft Excel®, de modo que os valores obtidos foram expressos em médias percentuais para análise e discussão.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram aplicados um total de 25 questionário com domadores de equídeos no município de Pinheiro, 100% do sexo masculino, com idade que variou de 23 a 62 anos e apresentavam grau de escolaridade variando de alfabetizados a semianalfabetos. 90% dos entrevistados possuem o ensino fundamental incompleto e, 10%, com algumas limitações, conseguem ler e escrever.

Questionados sobre a faixa etária com a qual iniciaram os trabalhos como domadores de equídeos, 100% responderam que a prática de domar cavalos foi iniciada quando ainda muito jovens, com idade entre 12 a 15 anos. Para 100% dos entrevistados a herança cultural dos mais velhos (avós, pais, tios), por meio da transferência de conhecimento entre gerações constitui o principal elemento motivador para o ingresso na profissão, acrescenta-se ainda a curiosidade, o desafio, e o “gosto” pelos cavalos, características que são extremamente acentuadas nesse período etário do indivíduo.

Esses resultados corroboram com as descrições de Lima (2015) quando destaca que o aprendizado para desenvolver um tipo de trabalho, transformando-se em habilidades é transmitida ao iniciante pelos mais velhos, por meio do que Ingold (2010) apud Lima (2015) chama de “educação da atenção”, em que esse aprendizado não se dá pela entrega de um “corpo de informações desincorporada”, consideradas “representações”, mas pela criação, por meio das atividades de determinada geração, de “contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação”.

Levando em consideração as condições de meio para a execução do serviço de doma de equinos Baixadeiros no município de Pinheiro, 100% dos participantes afirmaram que esses procedimentos poderão ser realizados tanto em ambiente fechado (currais) quanto em locais abertos (piquetes). Os informantes relatam que o curral é o local essencial para o processo inicial de aproximação, contenção e posterior uso da cabeçada (cabresto) no animal. Para colocar o cabresto sobre a cabeça do animal é necessário que sejam aplicados alguns métodos

de contenção, dentre esses métodos um deles é praticar a derruba do animal (Figura 10), segundo os entrevistados essa é a forma mais fácil de assegurar o controle sobre o indivíduo.



Figura 10: Método de contenção para a colocação do cabresto em *Equus caballus* do grupamento genético Baixadeiro do Município de Pinheiro, Microrregião da Baixada Maranhense, Estado do Maranhão.
Fonte: Autor, 2022

Para 100% dos entrevistados o uso da força é considerado indispensável, pois na maioria dos casos, trata-se da primeira vez que o animal está sendo contido, e diante dessa circunstância o animal fica bastante agitado, sobretudo quando a corda é colocada no pescoço. Os equinos, assim como outras espécies tendem a fugir de qualquer situação que representa perigo, a doma por sua vez, pode ser considerada uma forma eminente de perigo, pois o animal se sente acuado e isso causa um grande incomodo.

Foi relatado que é prática rotineira deixar o animal amarrado no mourão (tronco de madeira fincado no centro do curral) com corda curta por algumas horas diárias no decorrer de três dias, esse método faz com que o animal utilize da sua força motriz e tracione de forma sequenciada a corda para se libertar. A execução desses movimentos por sua vez, causam desconfortos musculares, e, deste modo, o animal torna-se mais obediente para se deixar domar.

Com relação ao início do processo de doma em ambiente aberto, 70% dos entrevistados relataram que esse procedimento se inicia com o encabrestamento e posterior

deslocamento do animal para área de pastejo onde deverá permanecer em média por três dias, tempo necessário para que haja uma relativa adaptação com o suporte de cabeça. Os informantes acreditam que durante a execução de domínio do homem sobre o animal, o ambiente livre de cercas é a melhor escolha para fazer a monta dos animais, pois os riscos de acidentes graves envolvendo tanto o homem quanto o animal são minimizados.

Já para 30% dos entrevistados, o animal pode ser montado logo no primeiro dia após a colocação do cabresto. Ainda segundo eles, o tempo que esses animais podem ser considerados domados leva em torno de 20 a 30 dias. Levando em conta as observações realizadas foi possível notar que a pessoa que faz esse tipo de serviço não faz o uso de qualquer tipo de equipamento de segurança.

Também ficou evidente através das observações que as instalações utilizadas pelos domadores para o início do processo de doma são basicamente currais utilizados também para outros fins. Esses resultados vão em contradição com Senar (2017), pois as instalações necessárias para a doma racional devem ser funcionais e práticas. Na doma racional é utilizada o redondel que é uma estrutura redonda, onde se coloca o equídeo, para ser trabalhado pelo domador. Esse tipo de instalação, por não ter cantos, facilita a movimentação do animal, que vai correr em círculos tentando fugir do domador e não conseguirá se afastar. O redondel é importante para facilitar o manejo e manter a atenção do equídeo. Não deve ter mourão no centro e o piso pode ser de grama, terra ou, preferencialmente, de areia. Ainda segundo o Senar (2017), outro ambiente que se utiliza para a doma de cavalos é a pista, também conhecida por piquete ou picadeiro é um espaço retangular, com largura menor que o comprimento, onde o profissional vai trabalhar o equídeo montado. Pode ser feita de madeira, arame liso encapado ou com cordoalha. O piso da pista deve ser de areia, grama ou de terra macia.

Segundo os relatos dos domadores que realizam tal processo na região da Baixada Maranhense a doma desses animais, a princípio, pode ser iniciada a partir de 1,5 anos de idade, mesmo que a idade mínima recomendada para o início desse processo é a partir dos 2,5 anos. Porém, nessa região a doma montada recai sobre animais a partir de 2,5 anos, independente do sexo.

Resultados semelhante foram encontrados no estudo de Juliano et al. (2009) em que a doma pantaneira é tradicional e utiliza-se da força e o medo como método de subjugação do animal: coloca-se o cabresto em animais com cerca de 2,5 a 3 anos de idade e amarra-os em um palanque, para que em seguida sejam montados.

Segundo os relatos dos entrevistados há casos em que o animal pode ser encabrestado a partir de 1,5 anos de idade (Figura 11), mas não é montado devido ao estado de crescimento, que segundo os domadores são animais muito jovens e isso afetaria seu desenvolvimento, com isso eles são apenas separados dos lotes para que cheguem na idade para serem “amansados”. A concepção de doma para essas pessoas é comumente conhecida como “amansar” e os cavalos são montados sem que haja qualquer tipo de relação afetiva previa entre domador e animal. Além disso, os cavalos na microrregião da Baixada vivem soltos nos vastos campos e o manejo desses animais é feito geralmente de maneira muito bruta.



Figura 11: Exemplares de potros de *Equus caballus* do grupamento genético Baixadeiro registrados em 2022 no Município de Pinheiro, Microrregião da Baixada Maranhense, Estado do Maranhão.

Fonte: Autor, 2022.

De acordo com o Senar (2017), clinicamente se recomenda que o animal não seja montado antes da idade de 3,5 anos. Pois a partir desta idade, os ossos, as cartilagens e os tendões estão em estágio avançado de formação, diminuindo a possibilidade de lesões e, psicologicamente, o animal também estará mais maduro e apto ao aprendizado.

O manejo (Figura 12) desses animais realizados na região é preocupante no que se refere ao bem-estar dos equinos. Para Costa et al. (2021) para que haja bem-estar é necessário conforto, saúde, boa nutrição, segurança e isenção de comportamentos que lhes tragam sensações desagradáveis de dor e medo. Além disso, o bem-estar desses animais está intimamente relacionado as suas necessidades naturais e por isso diferentes situações, como é o caso da doma, e por isso, além de ser essencial que seus limites sejam respeitados, sem uso de violência e equipamentos que possam machucar, a idade mínima para o início dessa atividade deve ser seguida (BORGES, 2015).



Figura 12: Domador durante o manejo para o início da doma do Equus caballus do agrupamento Baixadeiro do Município de Pinheiro, Microrregião da Baixada Maranhense, Estado do Maranhão.

Fonte: Autor, 2022

Com relação às pessoas que executam a doma, 80% dos entrevistados afirmam que eles mesmos, os próprios donos dos lotes ou familiar realizam a doma desses animais, informaram também que em média são domados 3 animais por ano, dos quais grande parte dos animais domados são machos, pelo fato de terem um maior valor comercial, preservando as fêmeas para a reprodução. Para todos os entrevistados esse trabalho não se trata de uma principal fonte de renda e consideram apenas como um complemento na renda da casa, além disso, dentre as principais atividades realizadas por eles estão: vaqueiro, lavrador, pescador e serviços gerais.

Os resultados dessa pesquisa demonstram que as pessoas que realizam este processo de doma possuem um baixo ou nenhum conhecimento em relação ao bem-estar animal. Resultados semelhante foram encontrados na pesquisa realizada por Juliano et al., (2009) sobre a doma de cavalos pantaneiros, em que foi possível perceber que o conceito de bem-estar animal para o homem pantaneiro também não era claro. Embora o bem-estar-animal esteja relacionado ao manejo nutricional e de trabalho adequado, somente para os cavalos de pista há referências de instalações e cuidados específicos, geralmente quando começam a prepará-los para eventos e exposições.

É de grande importância o domador conhecer e respeitar os limites de cada animal para que não venham apresentar quaisquer tipos de traumas por causa do processo de doma. Os equídeos são cuja característica principal é a de defesa e fuga, o que os deixa em constante

estado de alerta, por isso, assustam-se facilmente. Para facilitar o convívio do animal com as pessoas que irão trabalhar ou lidar com ele, proporcionando maior segurança e benefícios nessa convivência, é importante que se conheça os seus sentidos (SENAR, 2017).

Ainda segundo o Senar (2017), as principais características que o domador de equídeos deve possuir são: (i) gostar de animais, (ii) ser paciente, (iii) ser persistente, (iv) ser assíduo, (v) ser responsável, (vi), ser atencioso, (vii) falar firme, mas sem gritos, (viii) ter disposição, (ix) ser observador (x) ser disciplinado, (xi) ser organizado, (xii) conhecer o comportamento animal, (xiii) conhecer as particularidades das raças; e (xv) manter-se atualizado.

De acordo com o que foi possível observar em relação ao preparo das pessoas designadas para a realização do processo de doma, o baixo conhecimento a respeito dos reais hábitos e comportamentos dos equinos é um fator preocupante. Porém, de acordo com o Senar (2017), para compreender o equino (cavalos, éguas e seus descendentes), o asno (jumento, jumenta e seus descendentes) e seus cruzamentos que são os muares (burros, mulas, bardotos e bardotas), é necessário conhecer suas principais características psicológicas e sensitivas a fim de se conseguir uma melhor adaptação dos mesmos às novas situações.

De acordo com os relatos, a doma praticada na microrregião da Baixada Maranhense não possui a finalidade em preparar animais para práticas esportivas, o objetivo é amansar o cavalo para a lida diária no trabalho de pastoreio dos rebanhos bovinos, bubalinos e de equinos, e também para servir como transporte de pessoas em locais de difícil acesso para veículos motorizados. Porém, os resultados do estudo realizado por Everton (2020), que diz respeito à realização de eventos voltados às atividades equestres, com participação direta do cavalo Baixadeiro, relata que algumas atividades já estão consolidadas na região, tais como: cavalgada, prova de laço e corridas pareadas. Além disso, Serra (2004) em seu estudo sobre a utilização de cavalos Baixadeiros para festividades, constatou que 100% dos entrevistados relataram que essa participação influencia positivamente na manutenção da atividade de criação do cavalo na região.

Para Hering (2020), neste modelo de doma tradicional o comportamento natural do animal não é respeitado, nem tampouco há, de modo geral, uma preocupação com seu estado psicológico (e até mesmo físico em alguns casos). Geralmente o cavalo é levado à exaustão, a fim de fazer com ele aceite os comandos dados pelo treinador. O processo pode incluir atividades como laçar o cavalo, puxar seu pescoço com cordas de um lado para o outro, amarrar suas pernas (“maneio”), derrubá-lo no chão para submetê-lo à força humana, “quebrar o

queixo” (“doma de bocal”), entre outras atitudes que violam preceitos básicos de bem-estar animal.

Com relação a segurança do domador, o Senar (2017) afirma que é necessário sempre utilizar os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) ao montar, como bota ou botina e perneira, chapéu com aba larga, camisa de manga comprida, calça apropriada para a atividade, luvas e cinto.

Durante as entrevistas foi possível acompanhar os doma de um animal, no qual ficou perceptível alguns pontos importantes tanto em relação ao animal quanto em relação ao preparo técnico do domador diante o cavalo. Em primeiro momento o animal é preso dentro de um curral onde é também utilizado para o manejo de bovinos e bubalinos. Para o início do processo da doma foi observado a utilização apenas de corda e cabresto, logo em seguida o animal é laçado e é posto o cabresto em sua cabeça. A princípio foi possível constatar o grande desconforto causado devido a colocação desse acessório, algo que vai de contraposição ao método de doma racional.

Em seu primeiro dia de doma o animal é montado dentro da água (Figura 13), geralmente nos campos alagados ou açudes, pois segundo os domadores é uma forma do cavalo ter mais dificuldade para pular. Esse processo pode durar em torno de 45 a 60 minutos diários e se repete por aproximadamente 5 e 7 dias, mas isso pode variar de acordo com o temperamento de cada animal. Decorrido em torno de 7 dias já é possível fazer a monta fora da água, contudo o animal ainda não se deixa ser montado facilmente pelo domador, aos poucos vai se deixando vencer pelo cansaço gerado pelas tentativas desenfreadas de ter seu dorso livre da montaria.



Figura 13: Processo de doma do Equus caballus do Grupamento Genetico Baixadeiro no Município de Pinheiro, Microrregião da Baixada Maranhense, Estado do Maranhão.

Fonte: Autor, 2022.

Ao decorrer desse processo puderam ser observados alguns ferimentos deixados pelo cabresto (Figura 14), algo que vai contra as normas do Bem- Estar Animal, a qual fala que o animal deve ser livre de dor e desconforto.



Figura 14: Ferimentos em Equus caballus do Grupamento Genético Baixadeiro causados pelo cabresto durante doma tradicional no Município de Pinheiro, Microrregião da Baixada Maranhense, Estado do Maranhão.

Fonte: Autor, 2022.

Com o decorrer da execução da doma e com aproximadamente 20 dias de monta, o cavalo já apresenta uma certa aceitação para que o domador se aproxime e deixe ser tocado, contudo há de se ter certos cuidados, pois a probabilidade de coices ainda é eminente, ainda segundo os domadores quando questionados sobre o risco de acidentes os mesmos relataram que já sofreram algumas quedas durante a realização da monta, mas somente com leves arranhões.

De acordo com o Senar (2017), a segurança na lida com os equídeos é de fundamental importância, tanto para o profissional quanto para o animal. Caso ele se sinta ameaçado e não consiga fugir, sua reação natural tende a ser de defesa, dando coices com membros posteriores (os pés), patadas com membros anteriores (as mãos) e até mesmo morder. Para se ter real noção da aceitação de monta pelo domador, é necessário que se faça o movimento de subida e descida do lombo do animal por diversas vezes assim criando uma certa confiança entre o domador e o cavalo. Para a colocação dos arreios o tempo pode sofrer uma variação entre 20 e 25 dias, e primeiramente é colocada a cabeçada e logo após a cela, com isso o animal é montado para que se possa ter noção da aceitação do acessório, de início os comandos exercidos pelo domador não são totalmente consentidos, e isso se deve pelo fato de ser um objeto desconhecido pelo animal. No modelo de doma racional o charreteamento é a metodologia que faz com que o equino responda aos comandos das rédeas, porém é praticado com o domador ainda no chão. Essa prática é algo contrário do que é realizado na doma dos equinos Baixadeiros, pois essa parte do processo já é executada durante a monta do cavalo.

Em relação a utilização de acessórios como: cabeçada e cela, os domadores relataram que em grande são necessários alguns meses para que se tenha uma adaptação e para que os comandos exercidos das rédeas sejam bem admitidos, com isso o animal vai criando respeito diante dos acessórios ao longo dos serviços diários de pastoreios e também em viagens de pequenas e médias distancias.

Através das informações repassadas pelos foi possível ter uma real compreensão ao que diz respeito ao processo de doma exercida na microrregião da Baixada Maranhense, e de acordo com o questionário e também através das observações foi possível destacar que o tipo de doma exercida é do modelo tradicional, e que esses métodos utilizados pelos domadores de equinos Baixadeiros são métodos que foram repassados por diversas gerações, porém são métodos arcaicos e que atualmente não estão de acordo com a lei do Bem- Estar Animal (BEA).

6. CONCLUSÃO

No município de Pinheiro, Baixada Maranhense, há o predomínio da doma tradicional que não atende aos requisitos de Bem-Estar Animal durante a aplicação dos métodos de preparação do cavalo para a utilização de suas funções produtivas pelo homem. Ficou frisada a percepção dos domadores sobre a relação animal – ambiente – humano que se contradizem com os parâmetros da doma racional (que defende a realização em ambiente fechado nas primeiras etapas) já que desde o início realizam essa atividade em ambiente aberto, sujeitando o animal a insegurança e medo.

A idade sugerida pelos domadores para o início do processo é de 2,5 anos. A duração da primeira etapa da doma leva em média 7 dias e não são aplicação de nenhum tratamento gentil, prevalecendo em todas as etapas a força, violência e ambiente inadequado, isento do emprego de técnicas de doma racional, em que ficou evidente o desconforto e retraimento dos animais durante todo o processo.

Essa realidade mostra a necessidade de iniciativas direcionadas à capacitação de mão de obra qualificada na região pautada nos princípios de bem estar animal, tendo em vista que, a equideocultura moderna anseia por substituir de forma definitiva os métodos convencionais de doma equina, persistente no cenário equestre desde os tempos remotos.

REFERÊNCIAS

- ANUNCIAÇÃO, A. R. A. **Aspectos do desenvolvimento morfológico, morfométrico e ultraestrutural do aparelho ungueal do cavalo Baixadeiro**. Universidade de São Paulo, Pós-Graduação em Anatomia dos Animais Domésticos e Silvestres da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Dissertação de Mestrado, São Paulo, 51p., 2016. Acesso em 27/11/2022. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10132/tde-25052016-142032/publico/ADRIANA_RAQUEL_ALMEIDA_ANUNCIACAO.pdf
- BORGES, C. A. **Doma racional e manejo dos equinos da cavalaria da polícia militar do estado do Ceará**. Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Curso de Zootecnia, (Relatório de estágio) Graduação em Zootecnia, Fortaleza, 2015.
- BROOM, D. M. A history of animal welfare science. **Acta Biotheoretica**, v.59, n.2, p.121-37, 2011.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Manual de boas práticas de manejo em equideocultura**. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Mobilidade Social, do Produtor Rural e Cooperativismo. – Brasília : MAPA/ACE/CGCS, 50 p., 2017.
- CARVALHO, R. T. L.; HADDAD, C. M. **A criação e a nutrição de cavalos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1988.
- CEBALLOS, M. C.; SANT'ANNA, A. C. Evolução da ciência do bem-estar animal: aspectos conceituais e metodológicos. **Revista Acadêmica: Ciência Animal**, v.16, n.1, p.1-24, 2018.
- CHAGAS, F. A.; **Manual Prático de Doma**. 2a edição, Editora Rigel, 96p., 2006
- CHIEFFI, A. **Criemos Bons Equídeos**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guarany, 1943.
- CHUNG, L. B. O. **Caracterização morfológica, índices morfométricos e avaliação testicular do “equino” baixadeiro**. Universidade Estadual do Maranhão, Programa de Pós Graduação Curso de Mestrado em Ciência Animal, Dissertação de Mestrado, 100p., 2016. Acesso em: 23/11/2022. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/jspui/bitstream/123456789/126/1/LUIZ%20BRUNO%20OLIVEIRA%20CHUNG.pdf>
- COSTA, D. S.; MELO, A. S.; SARMENTO, K. N.; PIMENTEL, M. M. L.; CERQUEIRA, L. A.; SOUZA, M. T. C.; CRUZ, R. K. S. **Atualidades em Medicina Tropical na América do Sul: Veterinária**, capítulo 13: Importância da utilização da doma racional em equinos. Org.: MELCHIOR, L; A. K.; MANEGUETTI, D. U. O.; CAMARGO, L. M. A.; OLIVEIRA, J. Stritu Sensu Editora, 255p., 2021.
- EVERTON, R. B. S. C. **Aspectos estruturais e socioeconômicos da cadeia produtiva do cavalo Baixadeiro na Baixada Maranhense**. Universidade Estadual do Maranhão, Curso de Zootecnia, Monografia, São Luís, 49 p., 2020.
- FEITOSA, L. **Doma racional a conquista definitiva**. 1 edição, Rio de Janeiro, 60p., 2010.

GAZOLLA, A. G.; LIMA, F. C.; SERRA, O. R. Condições de manejo, conservação e estado sanitário e caracterização fenotípica do cavalo baixadeiro. **Revista RG News**, v. 2, n.1, p: 8-15, 2016.

GAZOLLA, A. G.; SERRA, O. R.; LIMA, F. C. Pelagens do cavalo da raça baixadeira. In: 46ª Reunião anual da sociedade brasileira de zootecnia, **Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia**, Maringá-PR, p.1-3, 2009.

GUIMARÃES, J. C. et. al. **Trabalhador na doma racional de equídeos: doma racional**. São Paulo: SENAR, 49p., 2000.

HEMSWORTH, P. H.; COLEMAN, G. J. **Human-livestock interactions: the stockperson and the productivity and welfare of intensively farmed animals**. Wallingford: CABI, 208 p., 2011.

HERING, C. B. Da dominação a tentativa de comunicação: uma análise dos métodos de doma para equitação. **Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales**, v.1, n.1, p. 275-314, 2020;

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, v.33, n.1, p.:6-25, 2010.

JULIANO, R. S.; SANTOS, S. A.; ABREU, U. G. P.; SILVA, R. A. M. S.; ARAUJO, M. T. B. D. **A interação do homem pantaneiro com seu cavalo**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 16p., 2009.

LEMME, C. F. **Bem-estar animal e sustentabilidade corporativa: Uma agenda para a liderança empresarial brasileira**. In: Paranhos da Costa MJR, Sant'Anna AC (EE). Bem-estar animal como valor agregado nas cadeias produtivas de carnes. Jaboticabal: Funep. p. 7-14., 2016.

LIMA, D. V. O cavalo é quem te dá as dicas: uma etnografia da relação entre domadores e cavalos no pampa brasileiro, **Revista de Antropologia da UFSCAR**, v.7, n.1, p. 193-210, 2015.

LIMA, R. SHIROTA; BARROS, R. G. **Estudo do complexo do agronegócio cavalo relatório final**. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA)-ESALQ/USP, p. 1-251, 2006.

MELLOR, D. J. Comprehensive assessment of harms caused by experimental, teaching and testing procedures on live animals. **Alternatives to Laboratory Animals**, v.32, n.1B, p.453-457. 2004.

PINTO, A. P. S. **Criação e manejo de potros**. Universidade Federal de Goiás, Graduação em Zootecnia, Monografia, Goiânia, 26p., 2013.

PORTAL ESCOLA DO CAVALO. **A doma e sua importância**. 2011. Acesso em: 28/11/2022. Disponível em: <https://www.escoladocavalo.com.br/a-doma-e-sua-importancia/>.

RIETH, F.; KOSBY, M. F.; BILHALVA DA SILVA, L.; RODRIGUES, M. B.; DOBKE, P. R.; LIMA, D. V. **Inventário Nacional de Referências Culturais: Lidas Campeiras na Região de Bagé, RS**, v.1. 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013.

RISIUS A, HAMM U. The effect of information on beef husbandry systems on consumers' preferences and willingness to pay. **Meat Science**, v.124, n.1, p. 9-14., 2017;

RODRIGUES, R. **A doma de equinos. Criação de cavalos**, 2019. Acesso em: 29/11/2022. Disponível em: <https://www.criacaodecavalos.com.br/a-doma-de-equinos#:~:text=%C3%89%20uma%20t%C3%A9cnica%20que%20pode,%E2%80%9D%2C%20e%20n%C3%A3o%20um%20predador.>

SANTOS, A. C. G.; CHAVES, D. P.; LIMA, F. C.; BRITO, D. R. B.; AMORIM FILHO, E. F.; SILCA, C. R.; VAZ, J. F. R.; SILVA, R. L. V; COSTA, F. B.C, COSTA, A.P.; LIMA, I. L.; SOARES, E. D. S. Sanidade do grupamento racial “Cavalo Baixadeiro”: doenças parasitárias e infecciosas. In: ALMEIDA, Z. S. da. **Sumário executivo para plano de ação na área de proteção ambiental da Baixada Maranhense**. São Luís: [s.n], 218p., 2013.

SANTOS, R. F.; **O Cavalo de Sela Brasileiro e outros Equídeos**. 1ª edição. São Paulo, 1981.

SERRA, O. R. **Condições de manejo, preservação e caracterização fenotípica do grupamento genético equino “Baixadeiro”**. Universidade Estadual do Maranhão, Programa de Pós Graduação em Agroecologia, Dissertação de Mestrado, São Luís, 77p., 2004.

SENAR – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL. **Equideocultura: manejo e alimentação**. Brasília: SENAR, 120p., 2018.

SENAR - SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM. RURAL. **Equideocultura: doma racional**. Brasília: SENAR, 100p. 2017.

SENAR - SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL **Trabalhador na doma racional de equídeos: doma racional**. Administração Regional do Estado de São Paulo; São Paulo: SENAR, 2000.

SIMÕES, F. **Mangalarga e o cavalo de sela brasileiro**. 3a edição. São Paulo: Editora dos Criadores Ltda., 1983.

TEZZA, L. **Doma**, 2014. Acesso em: 29/11/2022. Disponível em: <http://www.gege.agrarias.ufpr.br/Portugues/equideo/doma.html>.

VEISSIER, I.; MIELE, M. Animal welfare: towards transdisciplinarity - The European experience. **Animal Production Science**, v.54, n.9, p.1119-29, 2014

ANEXO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do fornecimento de informações de dados para essa pesquisa.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo intitulado “**ASPECTOS GERAIS DA DOMA EM EQUINOS DO GRUPAMENTO GENÉTICO BAIXADEIRO**”, que será realizada no haras de sua responsabilidade, cujo pesquisador responsável é o Sr. NOME DO ORIENTADOR, zootecnista e professor.

- 1) O estudo se destina a caracterizar o bem-estar animal na produção de equinos através do uso e informações das escrituras zootécnicas dos haras da Ilha do Maranhão;
- 2) A importância deste estudo é fornecer informações sobre a escrituração zootécnica dos haras da Ilha do Maranhão, já que esses dados não são conhecidos e a sua fornece ao produtor uma visão concreta do desenvolvimento de suas atividades e fornece informações sobre o bem estar dos equinos, tendo em vista que as instalações e manejo sanitário são os princípios básicos para a produção de cavalos saudáveis
- 3) Os resultados que se deseja alcançar é demonstrar como a escritura zootécnica é importante para o controle sanitário e de bem estar dos equinos nos haras, bem como auxilia o produtor a ter maior sucesso de produção;
- 4) A contribuição do participante do estudo é fornecendo informações das atividades do haras através de suas respostas as entrevistas.
- 5) Essa pesquisa não oferece risco a seus participantes;
- 6) Os benefícios aos participantes dessa pesquisa consistem na sensibilização da importância do uso de escrituras zootécnicas para o melhoramento da gestão de um haras.
- 7) Sempre que desejar, os respondentes serão esclarecidos sobre cada uma das etapas do estudo;
- 8) A qualquer momento, o participante poderá se recusar a continuar participando do estudo e o mesmo poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- 9) As informações conseguidas através da participação do sujeito não permitirão a sua identificação, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto ou em publicações de artigos ou eventos científicos;
- 10) Os participantes poderão ser ressarcidos por qualquer despesa que venha a ter com a sua participação e, também, indenizado por todos os danos que venha a sofrer pela mesma razão.

Finalmente, tendo o(a) participante compreendido perfeitamente tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação no mencionado estudo e, estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a sua participação implica, o(a) mesmo(a) concorda em dela participar e, para tanto eu DÁ O SEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO O(A) MESMO TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO. Endereço do(a) participante voluntário(a): Obs.: Não obrigatório, mas somente em casos necessários:

Domicílio: (rua, conjunto) Bloco: Nº:
complemento: Bairro: Cidade:
..... CEP.: Telefone: Ponto de referência:
..... Nome.....
Telefone..... e Endereço eletrônico
do(a) Pesquisador(a) Responsável.

Instituição:

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pertencente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias. Rua Quininha Pires, nº 746, Centro. Anexo Saúde. Caxias-MA. Telefone: (99) 3521-3938. Local-Estado, _____ de _____ de _____

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) Participante da pesquisa

NOME COMPLETO DO(A) PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL
RG: Conselho de Classe

NOME COMPLETO DO(A) PESQUISADOR(A) PARTICIPANTE
RG:

APÊNDICE

Questionário semiestruturado para a coleta de dados da pesquisa

DADOS GERAIS:

Nome: _____

Idade: _____

Endereço (Localidade): _____

Município: _____

1 Escolaridade:

Analfabeto ()

Lê e escreve ()

Ensino fundamental ()

Ensino médio ()

Ensino superior ()

ASPECTOS GERAIS PARA REALIZAÇÃO DA DOMA

2 Quem faz a doma desses animais?

O próprio dono do lote ()

Contrata o serviço ()

3 Essa atividade é feita com frequência ou esporadicamente?

Esporadicamente ()

Com frequência ()

4 Quantos animais você faz a doma por ano?

5 Esse serviço é sua principal fonte de renda?

SIM ()

NÃO ()

6 Qual o valor cobrado pelo serviço?

7 Com qual idade você começou a interessar por essa área, e por que?

8 Já fez algum curso sobre doma ou assistiu alguma palestra a respeito desse exercício?

9 Você já ouviu falar algo relacionado ao Bem-Estar Animal?

SIM ()

NÃO ()

10 Qual entendimento você tem sobre o assunto?

11 Você já ouviu falar da doma racional de equinos?

SIM ()

NÃO ()

12 Qual seu entendimento sobre o assunto?

13 Você faz a doma de outras espécies?

SIM ()

NÃO ()

14 Quais espécies?

15 Com qual idade esses animais são submetidos ao processo da doma?

16 Por quais motivos essa idade é considerada ideal?

17 Há diferença entre a doma de machos e fêmeas?

SIM ()

NÃO ()

Quais as diferenças?

18 Tem algum lugar específico para a realização desse serviço ou é feito em ambiente aberto?

19 Você considera esse ambiente adequado? Porque?

20 Quais processos que antecedem a doma?

21 É executado algum processo de conquista em solo desse animal antes dele ser montado?

SIM ()

NÃO ()

Quais?

22 Quais os modos de contenção utilizados para esse processo?

23 Quais acessórios são utilizados para a execução da doma?

24 Quantas horas por dia são necessárias para que o animal seja trabalhado?

25 O uso da força é necessária durante o processo?

Sim ()

Não ()

Porque?

26 Qual o tempo médio para que o animal aceite ser montado?

27 Qual o comportamento desse animal ao ser montado pela primeira vez?

28 Durante o exercício da doma estes animais costumam ficar bastante alterados, ou aceitam com facilidade as técnicas empregadas?

29 Qual tempo médio para a colocação dos arreios?

30 Qual o tempo médio que o animal pode ser considerado domado?

31 Quais os critérios estabelecidos para o animal ser considerado domado?

32 Você acha esse tipo de serviço perigoso?

SIM ()

NÃO ()

33 Já ocorreu algum acidente com você ou com o animal durante o processo?

SIM ()

NÃO ()

Quais?

34 Estes animais são domados para alguma finalidade específica?

SIM ()

NÃO ()

Qual finalidade?

35 Você considera que as técnicas empregadas para a execução desse serviço geram algum tipo de trauma comportamental ao animal?
